

## 1. Terreno sólido para a pesquisa histórica

As parábolas são um campo de pesquisa privilegiado para aceder a Jesus de Nazaré. De fato, com relação a isso se registra um vastíssimo consenso de estudiosos; por todos valha a voz autorizada de Jeremias: “Elas são, em certo modo, parte da rocha primordial da tradição”; “quando lemos as parábolas, estamos imediatamente próximos de Jesus” (pp. 9 e 11). É um consenso com base em testemunhos cristãos antigos que nos transmitiram ao menos cerca de trinta relatos parabólicos. Em particular, poucas parábolas estão atestadas em Marcos: o semeador (Mc 4,3-9); a semente que cresce sozinha (Mc 4,26-29); o grão de mostarda (Mc 4,30-32); os vinhateiros homicidas (Mc 12,1ss); os servidores domésticos responsabilizados na ausência do patrão (Mc 13,34); todas, exceto a segunda, tomadas de Mateus e Lucas, com dúvida sobre a última. O mesmo vale da fonte Q: o filho que pede alimento ao pai (Lc 11,11-12 e Mt 7,9-11); o fermento (Lc 13,20-21 e Mt 13,33); a ovelha desgarrada (Lc 15,4-7 e Mt 18,12-14); a grande ceia (Lc 14,16-24 e Mt 22,1-10); o ladrão arrombador (Lc 12,39s e Mt 24,43s); talentos ou minas (Mt 25,14-20 e Lc 19,12-27), além daquela analisada anteriormente, das crianças caprichosas que brincam na praça (Lc 7,31-35 e Mt 11,16-19). Pelo contrário, numerosas são as parábolas do material próprio de Mateus, uma dezena: o tesouro enterrado no campo (Mt 13,44); a pérola de grande valor (Mt 13,45-46); a boa semente e o joio (Mt 13,24-30); a rede de pesca (Mt 13,47-48); o sátrapa desapiadado (Mt 18,23-35); os trabalhadores da última hora (Mt 20,1-16); os dois filhos diferentes (Mt 21,28-32); as dez donzelas do cortejo nupcial (Mt 25,1-13). Contudo, o relato do comensal sem veste nupcial (Mt 22,11-12) não parece em absoluto remontar a Jesus. Ainda mais rico o material parabólico presente somente em Lucas e atribuído normalmente à fonte L: os dois devedores (Lc 7,41-43); o bom samaritano (Lc 10,30-37); o amigo inoportuno (Lc 11,5-8); o rico néscio (Lc 12,16-21); a figueira estéril (Lc 13,6-9); a construção da torre (Lc 14,28-30);

o rei indeciso de entrar em guerra contra um invasor (Lc 14,31-32); a moeda extraviada (Lc 15,8-10); o pai e o filho pródigo (Lc 15,11-32); o administrador desonesto (Lc 16,1-8); o rico epulão (Lc 16,19-31); a viúva e o juiz sem escrúpulos (Lc 18,1-8); o fariseu e o publicano (Lc 18,9-14).

Acrescente-se o *Evangelho Apócrifo de Tomé* com doze parábolas sinóticas: o pescador (n. 8; cf. Mt); o semeador (n. 9; cf. Mc e parr.); o grão de mostarda (n. 20; cf. Mc e parr.); o ladrão arrombador (nn. 21b e 103; cf. Q); o trigo e o joio (n. 57; cf. Mt); o rico néscio (n. 63; cf. Lc); a grande ceia (n. 64; cf. Q); os vinhateiros homicidas (n. 65; cf. Mc e parr.); a pérola preciosa (n. 76; cf. Mt); o fermento (n. 96; cf. Q); a ovelha desgarrada (n. 107; cf. Q); o tesouro descoberto no campo (n. 109; cf. Mt). O apócrifo transmitiu-nos, ademais, duas parábolas próprias, desconhecidas pela tradição dos evangelhos sinóticos: a ânfora furada (n. 97) e o *killer* (n. 98), já citadas no Capítulo II desta obra. São relatos parabólicos caracterizados pela falta de contextualização, brevidade de narração, ausência de interpretações, freqüente acréscimo do dito: “Quem tiver ouvidos, ouça”, para convidar o leitor a uma interpretação profunda e elitista, e, enfim, sem a incorporação das parábolas do tesouro e da pérola, nem das do grão de mostarda e do fermento (Pedersen, p. 187). Todas características que o distinguem dos evangelhos canônicos e induzem diversos autores a preferir, em princípio, sua versão àquela sinótica. Mas não se deve silenciar a profunda releitura do Evangelho de Tomé que Weder sintetiza assim: as parábolas de Jesus são aqui interpretadas “em sentido *individualista* e puramente *antropológico*” (p. 330). Pode-se afirmar que as relações entre o apócrifo e os sinóticos se coloquem não no âmbito de dependências diretas, mas no nível de tradição oral (Pedersen, p. 206).

O evangelho de João, ao invés, essá totalmente ausente neste levantamento: além de não conhecer o termo “parábola”, não apresenta nenhum relato comparável aos mencionados. Com o vocábulo *paroimia* (palavra secreta) nos oferece, em compensação, alguns discursos figurados de caráter alegórico, como

a videira e os ramos (Jo 15,1ss), a porta do redil (Jo 10,1ss), o bom pastor (Jo 10,11ss), necessitados de interpretação que o evangelista se preocupa de apresentar em chave cristológica: Jesus é a videira e os ramos, os crentes que, na sua adesão a ele, produzem abundantes frutos espirituais; é também a porta pela qual se entra legitimamente no redil e o pastor que conduz as ovelhas a verdes pastagens.

Também o Apócrifo de *Tiago*, da biblioteca de Nag Hammadi, descoberta em 1945, um escrito copta do século IV que traduz um original grego do fim do século II ou do início do século III, constitui testemunho precioso. Além de sublinhar que o parábólico era um discurso escuro e esclarecido por Jesus ressuscitado a Pedro e Tiago (cf. §§ 7 e 8), elenca uma série de parábolas com os seguintes títulos: “os Pastores”, “a Semente”, “a Construção”, “as Lâmpadas das virgens”, “o Salário dos operários”, “As didracmas e a mulher” (§ 8). Sobretudo atesta duas parábolas novas de Jesus:

A palavra se assemelha a um grão de trigo. Quem o semeia coloca nele a própria confiança; quando desponha o quer bem porque vê muitos grãos no lugar de um só e, depois de ter trabalhado, é salvo transformando-o em alimento. Além disso tem em reserva a semente. Mesmo ali é possível acolher o Reino dos céus (§ 8). [...] O Reino dos céus se assemelha a uma espiga de trigo crescida em um campo: madura, expande seu fruto e enche novamente o campo de espigas para um outro ano. Também vós, apressai-vos em colher para vós uma espiga de vida, a fim que sejais plenos do Reino (§ 12).

No apócrifo *Evangelho dos Hebreus e Nazarenos*, a versão da parábola mateana dos talentos distingue alguns comportamentos diversos dos três servidores: o primeiro negociou do modo mais vantajoso, o segundo colocou o dinheiro em lugar seguro, o terceiro dissipou tudo com mulheres de má fama. Eis o testemunho de Eusébio de Cesaréia:

Dado que o evangelho escrito em caracteres hebraicos, chegado em nossas mãos, comina o castigo não contra aquele que escondeu (o talento), mas contra aquele que conduziu uma vida licenciosa — havia, de fato, três servos: um dissipou os bens de seu senhor com prostitutas e meretrizes, o outro o fez frutificar, e um terceiro escondeu o talento; destes, um foi louvado, o outro repreendido e o terceiro colocado em prisão —, surge-se, portanto, a pergunta se o castigo, que segundo Mateus parece cominado contra aquele que não fez nada, não deveria ser referido a este, mas, segundo a regra da restituição, àquele que comeu e bebeu com os bêbados (§ 6).

Não somente a presença de tão numerosas parábolas na tradição sinótica e apócrifa, mas também sua ausência nos outros escritos cristãos antigos — como

em Paulo, por exemplo —, justifica a confiança no seu valor de criação do Jesus histórico: a Igreja primitiva não se mostrou criativa por conta própria, capaz apenas de conservar, interpretando a seu modo, como o veremos, as parábolas de Jesus; e inclusive alterou o sentido da parábola, totalmente compreensível, para palavra enigmática e obscura. O Nazareno, na realidade, foi um parabolista valioso, literalmente um “poeta”, criador de relatos icásticos, breves narrações fictícias (as ficções) de seguro *charme* estético, compostas e recitadas não para simples dileção, mas como sugestiva modalidade de comunicação verbal com a proclamação da Boa-Nova, com máximas de marca sapiencial e ética, imperativos preceptivos, visões do futuro, ameaças de signo profético.

O cômputo das parábolas é muito variável: entre trinta e setenta. Mas não é para ficar maravilhado, porque os mencionados testemunhos não têm um termo unívoco para indicá-las. A voz grega *parabolē* que aparece 17 vezes em Mateus, 13 em Marcos, 18 em Lucas, e nos outros escritos canônicos cristãos somente em Hb 9,9 e 11,19, onde indica interpretações alegóricas de dados da bíblia hebraica, nem sempre se refere aos relatos parabólicos; de fato, define também ditos, paradoxos, provérbios, especialmente expressões figuradas ou metafóricas. Eis alguns exemplos: são chamados *parábola* os provérbios: “Médico, curate a ti mesmo” (Lc 4,23) e “Um cego não pode guiar outro cego; cairiam ambos em um fosso” (Q: Lc 6,39 e Mt 15,14); além disso, “a parábola” da qual Pedro pede a Jesus sua explicação é simplesmente a expressão sobre o puro e o impuro, sobre o que entra e o que sai do homem (Mc 7,17 e par. Mt). O vocábulo grego, na realidade, traduz o hebraico *mashal*, indicativo de várias formas de linguagem transladada e figurada: um provérbio (1Sm 10,12: “Também Saul está entre os profetas?”), uma alegoria (Ez 17,2: as duas águias), sentenças sapienciais, das quais o livro dos Provérbios está pleno, um enigma (Pr 39,3 fala de enigmas de parábolas), um oráculo divino obscuro (Nm 23,7.8). Por outra parte, nem sempre as parábolas de Jesus são chamadas assim, sem falar do *Evangelho de Tomé* que ignora o termo “parábola”, mesmo contendo não poucos relatos parabólicos. Também por isso se discute a natureza exata da parábola evangélica.

## 2. História das interpretações

Os próprios evangelhos, a partir de Marcos, leram a seu modo as parábolas de Jesus. De fato, entenderam-nas como palavras de obscuro significado e reservadas à multidão, enquanto Jesus falava claramente aos discípulos, aos quais explicava também o

sentido de suas parábolas: “A vós é confiado o Reino de Deus, e para aqueles que estão fora, tudo é apresentado com parábolas” (Mc 4,11), e segue a explicação do semeador reservada aos privilegiados (Mc 4,13-20 e parr.).

Sobretudo fizeram de algumas uma leitura como se fossem alegorias, com explicações de cada elemento do relato em chave metafórica. Assim, por exemplo, a parábola do semeador torna-se a alegoria dos diversos terrenos semeados, indicativos de uma rica tipologia de ouvintes da palavra de Jesus: alguns caracterizados pela só audição, outros pela audição feliz mas sem constância, outros pela audição sufocada pelas paixões humanas, e, enfim, outros pela audição produtiva (Mc 4,14-20 e parr.). No mesmo modo alegórico, Mateus relê a parábola da boa semente e do joio:

O semeador da boa semente é o Filho do Homem; o terreno de semeadura é o mundo; a boa semente são os adeptos do Reino, enquanto o joio, os adeptos do maligno; o inimigo que semeou o joio é o diabo; a colheita é o fim do mundo e os ceifadores, os anjos [...] (Mt 13,37-42).

Além disso, introduziram em algumas parábolas de Jesus elementos alegóricos destinados a uma clara aplicação metafórica do relato a Deus ou a Cristo. Assim, na parábola homônima da fonte Q, atestada também no *Evangelho de Tomé*, para Mt 22,1-10 o banquete torna-se a grande refeição suntuosamente preparada pelo rei, que é Deus, para as núpcias do filho, isto é, do Cristo, e quantos rejeitaram o convite irão ver sua cidade incendiada — clara referência à destruição de Jerusalém no ano 70. Também Marcos introduziu particulares alegóricos na parábola dos vinhateiros homicidas, sobretudo exaltando Jesus crucificado e ressuscitado com citações bíblicas: “A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se pedra angular” (Mc 12,1-12 e parr.).

Com retoques mais ou menos grandes também imprimiram a alguns relatos parabólicos uma orientação diversa daquela originária. Por exemplo, se o *Evangelho de Tomé* qualifica a ovelha desgarrada como a mais gorda do rebanho (n. 107), quer dizer que a busca do pastor encontra sua razão de ser na especial preciosidade dessa ovelha e não no fato de ter-se perdido. Assim, Lucas, sensível a um de seus temas preferidos, a conversão, insere-o na “moral” das parábolas da ovelha extraviada: Deus alegra-se no céu muito mais por um pecador que se arrepende que por noventa e nove justos que não têm necessidade de penitência (Lc 15,7). Na realidade, o relato parabólico estava originalmente centrado no reencontro

por parte do pastor e na sua alegria pela ovelha por ele reencontrada, que regressa ao ovil carregada nos seus ombros.

O mesmo se poderia dizer da contextualização redacional das parábolas. Marcos, enquadrando o relato dos vinhateiros homicidas (Mc 12,1-11) no contexto da ação subversiva de Jesus no templo (Mc 11,15-19), do gesto simbólico da figueira dessecada porque estéril (Mc 11,12-14.20-21) e das diatribes com os chefes do judaísmo (Mc 11,27-33; 12,13-40), faz dele, na prática, uma predição da paixão e ressurreição de Cristo e do tremendo juízo de condenação dos crucificadores. Também com as introduções os evangelistas podem indicar uma leitura própria; assim Lc 15,1-3 enquadra as parábolas chamadas da misericórdia no contexto da solidariedade de Jesus com os pecadores e da conseqüente crítica dos fariseus e escribas. Mais determinante ainda são algumas máximas conclusivas dos relatos. Por exemplo, Mateus encerra a parábola dos trabalhadores contratados em diversas horas do dia com estas palavras nos lábios de Jesus: “Os últimos serão os primeiros e os primeiros, os últimos” (Mt 20,16); mas isso não parece em conformidade com a estrutura do relato que fala sobretudo de equiparação de uns com os outros.

Em síntese, a Igreja entendeu as parábolas de Jesus sobre o Reino de Deus como parábolas sobre Jesus (Weder, p. 327).

Na patrística, triunfou a alegorese, isto é, a leitura alegorizante das parábolas. Basta-nos indicar a exemplar interpretação do relato do bom samaritano de santo Agostinho: o infeliz espoliado e deixado quase morto na estrada é Adão; o diabo e seus anjos, aqueles que o reduziram nesse estado; o sacerdote e o levita significam o AT incapaz de salvar; o samaritano é Cristo; óleo e vinho significam a esperança e as boas obras; a cavalgada é a natureza humana do Senhor; o albergue, a Igreja; os dois denários, os dois preceitos de amor a Deus e ao próximo (*Quaest Evang* 2,19).

Dessa tradição foi possível sair, há mais ou menos cem anos, por mérito de A. Jülicher que imputou à alegorese patrística, mas também medieval e outras, o erro de ter confundido a parábola com a alegoria. As duas, na realidade, são diversas: uma comparação desenvolvida aquela, uma metáfora alargada esta (I, 58). Na parábola, todo o relato converge em direção a um só ponto global, que se refere a uma outra realidade daquela expressada imediatamente pelo texto — distinção entre representação e coisa (*Bild* e *Sache*). Na alegoria, todos os elementos da narração são metáforas daquela outra realidade à qual se referem.

O estudioso também distingue entre semelhanças (*Gleichnisse*), parábolas (*Parabeln*) e relatos exemplares (*Beispielerzählungen*). As primeiras são caracterizadas pelo verbo no presente e descrevem, geralmente, fenômenos naturais que se repetem; as segundas, ao invés, são verdadeiras e próprias narrações com os verbos no passado e expressivas de um evento específico. Mas hoje se evita traçar uma nítida linha de demarcação, porque também nas semelhanças, na realidade, é apresentado um evento, entendido ao menos no sentido lato, com um início e um final. Os relatos exemplares atestados somente no evangelho de Lucas: o bom samaritano (Lc 10,25-37); o rico néscio (Lc 12,16-21); Lázaro e o rico epulão (Lc 16,19-31) e o fariseu e o publicano (Lc 18,9-14), são, pelo contrário, narrações de simples episódios emblemáticos de comportamento, negativo ou positivo, que se mostram válidos em geral. Por exemplo, o bom samaritano com seu agir solidário reivindica ser personificado por outros, precisamente como diz Jesus no texto lucano na conclusão do relato: “Vai e faz também tu o mesmo”. Mas hoje não são poucos os estudiosos que consideram os denominados “relatos exemplares” verdadeiras e próprias parábolas. Em pouco tempo, a tríplice divisão de Jülicher entrou em crise.

No sistema criado por esse estudioso tornou-se caduca, sobretudo, sua caracterização daquele “ulterior” ao qual se referem as parábolas de Jesus, que ele individualiza em verdades religiosas gerais; por exemplo, os relatos parabólicos de Lc 15 querem ilustrar a misericórdia de Deus pelos pecadores, uma misericórdia para todo tempo e lugar. Nisto foi negativamente condicionado pela teologia liberal, inclinada a traçar um retrato do Nazareno compatível com a sensibilidade religiosa moderna, um verdadeiro mestre da religião racional.

Nos primeiros vinte anos depois da Segunda Guerra Mundial, a pesquisa deu um decisivo passo adiante, sobretudo por mérito de Dodd e Jeremias, que atribuíram as parábolas à pregação escatológica de Jesus, da qual são consideradas uma forma específica. Em particular o exegeta inglês, que, porém, não se ocupou de todas, leu-as como parábolas do Reino que irrompia no presente. Em concreto, interpretou-as segundo sua teoria da escatologia realizada: o Nazareno anunciou, operando conseqüentemente, a vinda de Deus rei no mundo: “O *eskhaton*, o clímax da história divinamente ordenado, está aqui” (p. 141); “O eterno entrou decididamente na história” (p. 151). Jeremias trabalhou em seu trabalho em dois planos distintos e complementares. Primeiramente, e seguindo o exemplo de Jülicher, mostrou nas versões evangélicas que possuímos as marcas vistosas da

profunda tarefa das comunidades cristãs das origens que leram as parábolas do Mestre à luz dos acontecimentos pascais, morte e ressurreição de Cristo, e sob a urgência de precisas exigências espirituais dos crentes da época. À prospectiva escatológica e teocêntrica de Jesus preferiram, por legítimas necessidades de atualização, dar voz a explícitos interesses cristológicos, por um lado, e parenéticos, por outro, como aludimos anteriormente. Em segunda instância, Jeremias, removendo esse estrato do cristianismo primitivo, diz-se confiante em “remontar ao significado originário das parábolas de Jesus, às *ipsissima vox Iesu*” (p. 23), e individualiza nelas os seguintes pontos de referência na situação de vida do parabolista: as parábolas “espelham de forma semelhante e com particular clareza sua Boa-Nova, o caráter escatológico da sua pregação, a seriedade de seu apelo à penitência, sua oposição ao farisaísmo” (p. 9). Enfim, sempre tentando contextualizá-las no quadro da presença ativa de Jesus na Galiléia e na Judéia, Jeremias as concebe “em grande parte” como “armas de contenda” (p. 22), direcionadas à defesa dos ataques dos adversários e à luta contra suas posições, um ponto de vista superado na pesquisa mais recente.

Um progresso de não pouca importância, mesmo partindo da inspiração de fundo de Jeremias e Jülicher, foi realizado com a valorização da dimensão dialógico-argumentativa das parábolas e a determinação exata do escopo perseguido pelo parabolista, assim como da identidade de seus interlocutores (Dupont e Fusco). Jesus dirigia-se não a adversários a combater, nem a comensais, como chegou a supor, sem qualquer sucesso, Trocmé: “Em uma palavra, acreditamos que, na sua maior parte, as parábolas sejam discursos feitos à mesa nas casas onde Jesus era convidado. Discursos então muito severos ou até mesmo agressivos, mas sempre discursos conviviais” (*Gesù di Nazaret*, p. 121). Os destinatários eram pessoas que tinham reservas e resistências com relação a seu anúncio e a ele mesmo; ele tentava convencê-las da legitimidade de suas posições. Escreve Dupont na sua obra: os destinatários são aqueles que tinham um ponto de vista diferente do seu; as parábolas não são simplesmente um instrumento pedagógico de comunicação, nem mesmo um instrumento polêmico, “servem para um diálogo” (p. 13).

Para esse fim, dialogando com eles, evitava contraposições dialéticas rígidas e intransigentes, convidava-os, antes de tudo, a percorrer com ele um caminho à primeira vista neutral, para depois solicitar a serem coerentes com os primeiros passos feitos juntos, instigando-os a aceitar sua orientação. A parábola tinha precisamente esta dinâmica: uma história fictícia so-

bre a qual registrar um prévio consenso com o interlocutor na valoração do caso, para transferir depois sobre outra história representada, especificamente à da revelação de Deus na sua ação. E o parabolista solicitava a decisão do ouvinte.

A natureza dialógico-argumentativa da parábola emerge com clareza exemplar no famoso relato de Natã (2Sm 12,1-10). Tendo que enfrentar o rei Davi e conduzi-lo a tomar consciência de seu pecado, o profeta prospecta ao defensor real dos oprimidos e vingador implacável dos opressores, um caso que não pode deixá-lo indiferente. Relata o seguinte: um homem muito rico, dono de numerosos animais, devendo preparar uma refeição para um hóspede que chegara a sua casa, poupa suas bestas e tira com prepotência de um pobre a única ovelha que tinha. O rei, ficando indignado com a história, emite um julgamento de condenação sobre aquele velhaco. Nesse ponto, o profeta lança-lhe no rosto o dito, dizendo: Esse homem és tu! Então Natã disse ao rei: arrebataste com perfídia ao marido Urias sua mulher Betsabéia, tu que tens um rico harém, e o eliminaste com engano. Davi não pôde senão confirmar o julgamento emitido sobre o protagonista da história fictícia, mas agora sobre si mesmo: deverá se arrepender e pedir perdão a Deus. Isso é o que se chama também “efeito parábola”: sua força está exatamente em envolver o ouvinte na história fictícia, mas real aos seus olhos, para depois envolvê-lo, no mesmo modo, na outra história representada.

Nos últimos trinta anos, porém, a pesquisa tomou também outros rumos. Exegetas importantes entenderam a parábola como metáfora, uma metáfora constituída por uma história e que representa a realidade do Reino. Um notável expoente dessa corrente exegetica é Weder, que resume assim sua teoria: a estrutura de base da parábola é análoga àquela da metáfora: temos um sujeito (o Reino), a ligação “é” (é como, assemelha a) e um predicado (a narração) (p. 78). Note-se: o Reino não é literalmente o que é narrado, mas é como o que é narrado (p. 79). Portanto, as parábolas de Jesus “não são defesa nem justificação da Boa-Notícia, mas são elas mesmas *Evangelho*” (p. 83; cf. p. 113); “Nas parábolas de Jesus se faz linguagem o reino de Deus como *próximo*” (p. 88). Portanto, mensagem teológica mas também antropológica: a compreensão do Deus de Jesus, encarnada na parábola e apresentada ao ouvinte para que a faça sua, implica uma nova compreensão do homem chamado a se decidir pelo Reino. Também Jüngel, antes de Weder, tinha acentuado essa leitura da parábola como *Sprachereignis*, o reino de Deus evento lingüístico. “A *basileia* é expressa na parábola como parábola.

la. As parábolas de Jesus exprimem o Reino de Deus como parábola” (p. 167); “As parábolas de Jesus são fenômenos lingüísticos nos quais o que é expresso está *todo* presente, enquanto expresso na parábola” (p. 170). Em resumo, trata-se de uma linguagem não simplesmente enunciativa, mas performativa: o Reino expresso pelas parábolas encontra ali “uma forma sublime de sua vinda” (p. 170).

Uma segunda tendência interpretativa dos últimos anos realiza, ao contrário, uma violenta cisão entre parábola e parabolista, entre relato e contexto: negligencia-se totalmente quando, onde, a quem e porque Jesus narrou esta ou aquela parábola. Voz representativa dessa tendência é Via, para o qual as parábolas são puros “objetos estéticos” (pp. 70ss; 88ss), que devem ser lidos por si mesmos, como se nos apresentam na sua “textura” narrativa. Quer o evento narrado termine em um *happy end*, quer tenha um final negativo, elas pertencem ao gênero cômico ou ao trágico. Na realidade, escancaram diante dos nossos olhos de leitores modernos perspectivas existenciais pelas quais se decidir: “Duas básicas ontológicas (humanas) possibilidades que as parábolas apresentam são o ganho ou a perda da própria existência, tornar-se autênticos ou inautênticos” (p. 41). Dito em uma fórmula, não pertencem ao gênero da retórica que tende a convencer, mas ao gênero da poesia. E não falta quem lhes atribua uma polissemia, isto é, diversos significados descobertos subjetivamente pelo leitor na materialidade do texto.

Por sua vez, Hedrick segue substancialmente Via: as parábolas de Jesus são breves ficções, narrações muito esquemáticas, sobretudo sumários de tramas, criações de sua fervente imaginação, a analisar como toda outra *pièce* da literatura de ficção. Mas lhe reprova a forçada separação do contexto histórico. Hedrick, ao contrário, entende estudá-las como ficções do primeiro século, no contexto da cultura judaica do tempo; contudo, não se preocupa em inseri-las na concreta pregação e ação do parabolista Jesus. No plano da tipologia do material parabólico dos evangelhos, o estudioso também nota a proposta de J. Brech que distingue nelas histórias que descrevem os processos naturais, histórias que relatam uma ação humana individual (fotodramática), histórias relativas a vários personagens, histórias mitológicas nas quais intervêm potências transcendentais, por exemplo, o relato do rico epulão.

Enfim, a tendência, por parte de amplos setores da pesquisa, é a de não contrapor muito violentamente parábola e alegoria, como fizera Jülicher, a quem, porém, é reconhecido o mérito de uma sã reação à alegorese imperante. Considera-se que nos relatos para-

bólicos podem muito bem aparecer traços alegóricos (cf., por ex., Via), evidenciáveis nas alusões a passagens sobretudo da bíblia hebraica, sem que por isso a parábola extrapole em alegoria. Assim, no relato dos vinhateiros homicidas, a descrição do vinhedo, circundada por uma sebe, com um moinho escavado na pedra e uma torre de guarda, remete a Is 5, que esboçava alegoricamente a situação do povo sob as cores de uma vinha: a referência a um Israel infiel a Jesus torna-se assim metaforicamente muito clara. Também o pai na parábola do filho pródigo pode dirigir a atenção subitamente a Deus, indicado na Bíblia com o símbolo paterno. Em resumo, nem todo elemento alegórico deve ser declarado não jesuano e destinado à releitura protocristã; as parábolas de Jesus não são necessariamente “puras parábolas”, privadas de qualquer traço alegórico. Resta constantemente firme, porém, que elas têm uma *pointe* central, talvez enriquecida por uma segunda complementar, e a essa, ou a essas, estão subordinados os eventuais particulares de alegoria. Fusco diz bem que entre parábola e alegoria as diferenças são claras: “Na alegoria temos uma *sobreposição* querida; na parábola, ao contrário, uma *passagem*” (*Oltre la parabola*, 92); “Na parábola são verdadeiramente *duas* histórias [...]. Na alegoria, ao contrário, somente à primeira vista são *duas* histórias: observando bem, existe uma só, a história real” (p. 93).

Para resumir, a parábola é: 1) uma *fiction*, um relato criado artisticamente pelo parabolista que se deixa inspirar pela realidade circundante, mesmo se não evita aqui e lá elementos paradoxais capazes de atrair melhor a atenção para dirigi-la à história de referência; 2) uma *ficção parabólica*, isto é, uma história inventada para apresentar plasticamente outra história, à da ação escatológica de Deus ou, de qualquer modo, de seu comportamento atual que constitui o interesse verdadeiro do parabolista; 3) uma *ficção parabólica de Jesus*, que expressa assim sua orientação de evangelista do Reino de Deus e de portador de uma querida imagem do Pai celeste, que faz surgir seu sol sobre os bons e sobre os maus. Em resumo, o comportamento e a pregação do Nazareno comentam suas parábolas e estas são a explicação daqueles.

### 3. As parábolas rabínicas

Direi de passagem que se realizaram tentativas de aproximar as parábolas de Jesus às fábulas do mundo greco-romano (cf. Beavis), mas é impossível não perceber as profundas divergências, não somente de caráter narrativo, mas também, e sobretudo, no que diz respeito à prospectiva religiosa plasticamente representada. O verdadeiro confronto é com a tradição hebraica.

No AT as parábolas são poucas — entre estas se indica a anteriormente citada de Natã —, muitos, ao contrário, os *meshalim* (cf. Westermann). Também em Qumrã e nos escritos pseudepigráficos da tradição hebraica constata-se sua surpreendente ausência, com uma exceção — que confirma, porém, a regra — em *TestJó* 18,6-8:

E me tornei como quem deseja dirigir-se a uma cidade para ver suas riquezas e adquirir uma parte de sua glória, e põe carga a bordo de uma nave e depois, no meio do mar, vendo os vagalhões e os ventos contrários, lança ao mar a carga dizendo: “Que perca tudo, desde que possa desembarcar naquela cidade para adquirir coisas muito mais importantes que o equipamento e a nave”. Assim, considerava meus bens como nada em confronto daquela cidade da qual o anjo me tinha falado.

A riqueza das parábolas de Jesus contrasta manifestamente com essa pobreza; uma riqueza, porém, que encontra um válido confronto com as centenas de parábolas rabínicas presentes nos escritos homônimos, parábolas em língua hebraica, não aramaica, todas pertencentes ao judaísmo palestino e nem sempre atribuídas a um autor específico. Naturalmente, a distância cronológica entre a literatura rabínica e o tempo de Jesus torna problemática a tentativa de confronto e frágeis as hipóteses de dependências em um ou em outro sentido. Flusser, todavia, é muito categórico ao afirmar que as parábolas do Nazareno pertencem ao mais vasto campo das parábolas rabínicas, e não vice-versa (p. 19). Explica, com efeito, que se faz necessário distinguir entre forma escrita e forma oral, e conclui que as mais antigas parábolas rabínicas derivam da última geração antes da destruição do templo (p. 19). Mas os estudos de Neusner, modelados ao rigoroso método da escola da história das Formas e da Redação, aplicado aos escritos rabínicos, convidam à prudência. Por isso, parece-nos que não seja uma evidência histórica a presença, no ambiente do Nazareno, de parábolas conhecidas por nós da posterior literatura rabínica. Pode-se conjecturar de qualquer modo, com certa plausibilidade, que ele não tenha sido aqui, como em outros aspectos de sua pessoa, um *unicum*, um parabolista *sine patre et sine matre*. Com efeito, são um dado irrefutável as não poucas e não marginais semelhanças de seus relatos parabólicos com os motivos narrativos dos relatos rabínicos — como veremos nas citações que seguem —, sem falar das fórmulas introdutórias que as tornam comuns: “isto é comparável a” (forma ao dativo), “parábola de” (forma ao genitivo). Em resumo, aceitável aparece a posição cauta de Young: “Mesmo que a evidência seja fragmentária, é muito mais provável que Jesus tenha usado um método de ensino já praticado por outros sábios judaicos no seu tempo” (p. 37).

Flusser não esconde as dessemelhanças: antigas parábolas rabínicas servem para clarificar um mandamento da Bíblia, mas não acontece assim nas ficções parabólicas de Jesus que chegaram a nós. Além disso, ao redor do ano 120 d.C., os discípulos de rabi Aqiba utilizaram as parábolas para ilustrar versículos bíblicos, mas esse procedimento está ausente naquelas evangélicas. O estudioso acrescenta que as parábolas que mais se aproximam no espírito, na temática e na forma às de Jesus se encontram em uma obra antiga, o tratado Semahoth (*SemH*) (p. 21). Na página 31 anota que dois temas importantes das parábolas de Jesus — banquete e trabalho — estão presentes também nas parábolas rabínicas. Ao invés, nestas falta o motivo jesuano da rede lançada ao mar; em compensação, apresentam temas ausentes nas evangélicas, por exemplo, os relatos sobre os membros da família real (p. 36). Enfim, o motivo dos atletas falta tanto em Jesus quanto no rabinismo (p. 47). Mas além dessas considerações formais sobre os relatos, quero acrescentar que não se pode negar às parábolas de Jesus uma precisa originalidade na sua essencial referência escatológica ao Reino de Deus, que floresce no presente e que irrompe “pobrememente” na história por meio da ação e da palavra de Jesus, restando sempre grandeza futura na sua totalidade de evento suscitador de céus novos e terra nova.

Referindo-nos aos citados Flusser e Young, mas sobretudo à coleção de Dominique de La Maisonneuve, parece útil oferecer uma significativa antologia de parábolas rabínicas que, no confronto, evidenciam semelhanças e diversidades com aquelas conhecidíssimas de Jesus.

O mais antigo testemunho a propósito do tema parece remontar ao ano 175 a.C., e é de Antígono de Soco, embora se trate mais de uma comparação do que de uma história: “Não sejas como servos que servem o patrão na perspectiva de receber uma recompensa, mas como servos que servem o patrão sem a perspectiva de receber uma recompensa” (*mAbôt* 1,3).

Em *Rabba Cant* 1,7-8, um relato parabólico, similar à parábola evangélica da moeda perdida, entende sublinhar o valor do *mashal*, valor afirmado em princípio como introdução e conclusão da narração:

Nossos mestres nos disseram: Que o *mashal* não seja pouca coisa aos teus olhos porque, graças a ele, o homem pode compreender as palavras da Torá. Parábola de um rei que, na sua casa, perdeu uma peça de ouro ou uma pedra preciosa. Não a procura acaso com um pavio que não vale quase nada? Assim, o *mashal* não deve ser pouca coisa aos teus olhos porque graças a ele se podem penetrar as palavras da Torá.

No talmude jerosolimitano nos foi transmitida uma parábola que emparelha com a de Mt 20,1-16 sobre os trabalhadores contratados em diversas horas do dia, mas exprime, em oposição a esta, o rígido dogma da retribuição divina.

A que pode ser comparado? A um rei que tinha contratado muitos operários. Havia um que trabalhava duríssimo. Que fez o rei? Levou-o a fazer um passeio (lit. = cem passos) com ele. Quando chegou a tarde, os trabalhadores vieram receber seu salário e o rei pagou um salário completo também a este. Os outros se lamentaram dizendo: Nós trabalhamos o dia todo, ao passo que este não trabalhou senão duas horas, e lhe pagaste um salário completo, como a nós! O rei lhes disse: Este, em duas horas, trabalhou mais do que vós em toda a jornada (*jBerakhot* 2,8,5c).

Em *Sifra Lev* 26,9, trata-se novamente de trabalho e pagamento correspondente, mas contra um cálculo matemático intervém, como fator determinante, a relação particular de Deus com seu povo, privilegiado por graça com relação aos povos pagãos. Em concreto, a parábola ilustra o texto bíblico: “Voltar-me-ei para vós”, citado no início e mais completamente no final:

A que o podemos comparar? A um rei que recrutou numerosos trabalhadores. Ora, havia um que tinha trabalhado durante um período particularmente longo. Os trabalhadores vieram para receber seu salário e este entrou com neles. O rei lhe disse: Meu filho, eu me voltarei a ti. Estes fizeram para mim um trabalho reduzido, lhes darei um salário reduzido. Mas contigo preciso fazer um grande cálculo. Assim de Israel: [...] Estes povos da terra fizeram para mim um trabalho reduzido, também eu lhes darei um salário reduzido. Quanto a vós, preciso fazer um grande cálculo. É por isto que se diz: “Voltar-me-ei para vós” — para o bem.

Em contraste com a parábola jesuana de Mt 20,1-16 podemos colocar a seguinte, baseada sobre o princípio da retribuição divina:

Uma parábola. A que compará-lo? A um rei que tomou em serviço muitos operários, entre os quais havia um preguiçoso e um sábio. Quando ele foi a pagar seu salário, deu a cada um o mesmo. Mas o Santo, seja ele louvado!, não é assim, mas paga ao homem a mercê segundo suas obras (*Hallel Midrash*: citado em Erlemann, *Das Bild Gottes*, p. 109, da coleção de A. Jellinek, *Betha-Midrash*, parte V, p. 91).

A seguinte delata semelhanças com aquela evangélica dos servos aos quais o Senhor, no momento de partir, deu somas de dinheiro:

Parábola de um rei que tinha dois servos que amava muito. Ele entregou tanto a um como ao outro uma me-

dida de trigo e um feixe de linho. O que fez o mais sábio dos dois? Com o linho teceu uma toalha de mesa, depois tomou o trigo, fez com ele uma finíssima farinha, a empastou e cozinhou no forno e colocou o pão na mesa, estendendo a toalha por cima; depois deixou tudo até a chegada do rei. Enquanto isso, o mais estúpido não fez absolutamente nada. Um dia depois, o rei regressou a casa e lhes disse: “Meus filhos, trazei-me o que vos tinha dado”. Um levou o pão sobre a mesa coberta com a toalha, e o outro na cesta o trigo e por cima o feixe de linho. Que vergonha! Que desonra!

A aplicação é ainda a Israel, povo da Lei: “Assim quando o Santo, bendito seja!, entregou a Torá a Israel, a deu como trigo do qual extrair flor de farinha e como linho com o qual fazer um vestido” (*Seder Eliyahu Zuta II*).

Também em *bShabbat* 15b uma parábola, ilustrativa de Ecl 12,7: “O espírito regressa a Deus que lho tinha dado”, evidencia novamente que o destino do homem depende de seu comportamento sábio ou néscio:

Devolve-o como te lho deu. Entrego-te puro, devolve-o puro. Parábola de um rei humano que distribuiu hábitos régios aos seus servidores. Aqueles sábios os dobraram e os colocaram em um cofre. Os insensatos vestiram-nos para ir trabalhar. Tempo depois, o rei pediu novamente as vestes. Os sábios as restituíram impecáveis. Os insensatos, ao contrário, as entregaram todas sujas. O rei ficou contente pelos sábios e ficou em cólera ao ver os insensatos. Com relação aos sábios disse: “Que minhas vestes sejam colocadas no tesouro e que estes vão em paz para suas casas”. Quanto aos insensatos, disse: “Meus hábitos sejam entregues aos lavadeiros e esses sejam colocados em prisão”.

A parábola de rabi Natã, atestada em *SemH* 3,3, não ilustrativa de qualquer trecho bíblico, mostra certa semelhança com aquela passagem evangélica do mordomo que, estando ausente o patrão, cometeu coisas nefandas em sua casa e por isso sofreu um duríssimo castigo (cf. Lc 12,41-46 e Mt 24,45-51):

Um rei tinha construído um palácio e levou ali pessoal de serviço masculino e feminino. Deu-lhes prata e ouro a fim de que negociassem com neles. Depois lhes ordenou dizendo: Cuidado para que ninguém subtraia, roube ou prive de algo aos outros. Logo, o rei se retirou a uma província distante. Mas os servidores começaram a subtrair, roubar e apropriar-se das coisas entre si. Depois de um certo tempo, o rei regressou da distante província e encontrou tudo o que tinham dentro enquanto eles estavam nus por fora. O rei tirou deles todo o que tinham subtraído e roubado”.

Eis a “moral” que não tem equivalência no material evangélico: “Assim acontece com os pecadores neste mundo que, morrendo, não levam nada consigo, mas vão nus diante de Deus”.

Em *Mekilta Ex* 20,2, o relato imita o dito jesuano — “Quem é fiel no mínimo, é fiel também no muito” (Lc 16,10):

“Parábola de um rei que tinha nomeado dois intendentess. Um foi preposto ao celeiro da palha enquanto o outro foi confiado ao tesouro da prata e do ouro. Aquele preposto ao celeiro da palha foi suspeito de desonestidade; apesar disso, se lamentava amargamente por não ter sido encarregado do tesouro de prata e de ouro. Disseram-lhe: *Raka!* Se foste suspeito como encarregado do celeiro da palha, como se te poderia confiar o tesouro da prata e do ouro?”.

Analogias relevantes e diversidades não menores também são encontradas no relato de *Mekilta Ex* 14,5: “Parábola de um homem que recebeu em herança um campo em uma província distante (lit. = do mar). Ele vendeu-o muito barato. O comprador veio, escavou-o e descobriu tesouros de ouro, de prata, de pedras preciosas e de pérolas. Então, o vendedor começou a se censurar”. A referência (originária?) é à história israelita: “Assim fizeram os egípcios quando deixaram partir os hebreus”. Uma versão bastante similar e muito próxima à parábola do tesouro, própria do *Evangelho de Tomé*, é atestada em *Midrash Cant* 4,12:

[...] como um homem que recebeu em herança um terreno cheio de imundície. O herdeiro era preguiçoso e o vendeu por uma cifra ridiculamente baixa. O comprador o escavou com grande zelo e encontrou ali um tesouro. Com este, fez construir um grande palácio e costumava passear no mercado público com um séquito de escravos que tinha comprado com aquele tesouro. Quando o vendedor viu isso, (pela raiva) teria desejado estrangular-se (citado por Jeremias, 36).

Eis a parábola do *Evangelho de Tomé*:

O Reino é como um homem que, sem saber, tinha um tesouro escondido no seu campo. Depois de morrer o deixou em herança ao filho que, sem saber de nada, vendeu o campo. O comprador foi arar e encontrou o tesouro. Ele começou a emprestar dinheiro a juros a quem ele queria (n. 109).

A diversidade entre Israel, sobre o qual recaiu a eleição gratuita de Deus, e os povos, é enfatizada em forma de parábola em *Rabba Ex* 30,9:

Parábola de um rei diante do qual havia uma mesa preparada suntuosamente com todo tipo de iguarias. Quando entrou o primeiro servidor, lhe deu um pedaço de carne; ao segundo deu um ovo; ao terceiro, legumes, e assim por diante. Quando entrou o filho, deu-lhe tudo o que estava na mesa, dizendo: A cada um deles dei um prato, mas tudo eu ponho ao teu dispor”.

Eis portanto a aplicação: “Assim, aos pagãos deu algum preceito; a Israel, toda a Torá”.

Os versículos de Zc 1,3: “Retornai a mim e eu retornarei a vós”, e de Os 14,2: “Retorna, Israel, ao Senhor, teu Deus” estão ilustrados parabolicamente em *Pesiqta Rabbati* 44, que mostra analogias e diversidades com a parábola jesuana do filho pródigo:

Parábola de um filho de um rei separado de seu pai por uma distância de cem dias de caminho. Seus amigos lhe diziam: “Regressa à casa de teu pai!” Mas ele lhes respondia: “Não posso, não tenho força para isso”. “Então seu pai mandou dizer: Faz o que puderes, caminha segundo tuas forças, e eu virei e farei o restante do caminho para chegar até ti”.

Mais próxima à mencionada parábola de Jesus é aquela de *Deut Rabba* 2,24 ilustrativa de Dt 4,30 — “Tu retornarás ao Senhor, teu Deus”:

Com que podemos compará-lo? Com o filho de um rei que tinha se pervertido. O rei enviou seu pedagogo para lhe dizer: “Retorna, meu filho!” Mas o filho o enviou de volta ao pai: “Como poderei regressar? Terei vergonha diante de ti”. Então seu pai lhe mandou dizer: “Filho meu, um filho acaso tem vergonha de regressar junto de seu pai? Ser regressardes, não é talvez verdadeiro que regressas junto de teu pai?”.

E a “moral”: “Assim o Santo...: Eu sou um pai para Israel”.

A comparação impõe-se entre a parábola evangélica dos convidados ao banquete e aquela de *Midrash Sal* 25,7b:

“Pensa-me na tua fidelidade, por causa da tua bondade, ó Senhor”. Rabbi Eleazar disse uma parábola. Isso é comparável a um rei que preparou um grande banquete e disse a seu administrador: “Convida os comerciantes, não os lojistas”. Seu administrador lhe respondeu: “Senhor rei, teu banquete é tão abundante que os negociantes são incapazes de comer tudo; será necessário que os lojistas os ajudem”.

Mais marcadas, porém, são as semelhanças com a parábola rabínica de R. Yosé b. Hanina:

Isso é comparável a um rei que preparou um banquete e chamou convidados. À quarta hora nenhum deles tinha comparecido. Passaram a quinta e a sexta hora, mas os convidados não chegavam. À tarde começaram a apresentar-se. O rei lhes disse: “Estou muito agradecido porque se não tivesses vindo, me sentiria obrigado a jogar todo este banquete aos meus cães” (*Midrash Sal* 25,7b).

O tema do banquete também aparece em *bShabat* 153a com um relato parabólico bastante próximo à parábola da grande ceia da fonte Q:

“Rabbi Yohanan b. Zakkai disse: Parábola de um rei que convidou seus servidores a um banquete, mas sem fixar

o tempo. Os sábios se vestiram com todo esmero e se sentaram à porta da casa do rei dizendo: “Falta talvez alguma coisa na casa do rei?” Os insensatos foram trabalhar dizendo: “Dá-se talvez um banquete sem preparação?” Improvisamente o rei convocou seus servidores. Então aqueles sábios se apresentaram diante dele bem vestidos como estavam e também os insensatos no estado em que se encontravam, isto é, totalmente sujos. O rei se alegrou diante daqueles que estavam com trajes a rigor para o banquete: “Sentai, comei e bebei. Os que não estão vestidos apropriadamente para o banquete, fiquem de pé a olhar”.

Um relato finalizado, secundariamente ao que parece, para esclarecer Ecl 9,8: “Leva sempre vestes brancas e que o óleo nunca falte sobre tua cabeça”.

Aferrar a ocasião propícia apenas se apresenta é o sentido da parábola atestada em *Midrash Sal* 10,1:

“R. Hanina disse: Isto é semelhante a um viajante que estava viajando. Quando o dia começou a declinar, chegou a um posto de soldados. O chefe do lugar lhe disse: “Entra e coloca-te a salvo dos animais selvagens e dos ladrões”. Mas o viajante respondeu: “Não tenho costume de entrar em um posto de soldados”. Continuando a viagem, foi envolvido pela noite negra e trevas espessas o circundaram; então regressou ao posto e com grandes gritos suplicou ao chefe para deixá-lo entrar. Mas esse lhe respondeu: “Não é costume de um posto de soldados estar aberto à noite, nem o chefe do posto costuma receber em uma tal hora; quando to tinha proposto, não aceitaste. Agora não posso te abrir”.

Conclusão: “Assim, retornai ao Senhor enquanto se deixa encontrar (Is 55,6)”.

Sempre em tema de banquete, citamos a história do piedoso rabino e do rico cobrador de impostos Bar Ma’yan, que mostra a mesma dinâmica subentendida à parábola evangélica da grande ceia: a substituição dos convidados de honra por gente sem importância. À morte contemporânea dos dois, quase ninguém percebeu a morte do primeiro, ao passo que ao funeral do segundo compareceu enorme público. Uma injustiça evidente por parte de Deus? A resposta — que é ao mesmo tempo a solução do problema teológico levantado — faz referência à boa ação realizada pelo cobrador de impostos momentos antes de exalar o último respiro: “Ele tinha preparado um banquete para os conselheiros, mas estes não vieram [certamente porque não queriam solidarizar com um renegado]. Então ele ordenou: ‘Que venham os pobres a consumi-lo, a fim de que as iguarias não estraguem’”. Mereceu assim um glorioso funeral. O piedoso rabino, porém, recebeu o prêmio celeste, como pôde constatar seu colega em uma visão: Alguns dias mais tarde, aquele escriba viu seu colega em jardins

de beleza paradisíaca, sulcados por águas de mananciais. E ele viu também Bar Ma'yan, o cobrador de impostos, que estava na beira de um rio e tentava alcançar a água, mas não conseguia" (*JSanh* 6,23s: cit. por Jeremias, 219 e 224).

## Notas

- \* Artigo extraído do capítulo IX de: BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus, hebreu da Galiléia: pesquisa histórica*. São Paulo: Paulinas. No prelo.